

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA EAD

Geicy Resende Brandão
Juliana Santos de Oliveira Miranda
Sulene Chaves Miranda

DO SILÊNCIO À VOZ:
REPRESENTATIVIDADE E FEMINISMO
NA ARTE E NA DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS

MINEIROS/GOIÁS

2021

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Geicy Resende Brandão, Juliana Santos de Oliveira Miranda e Sulene Chaves Miranda.

Título do trabalho: DO SILÊNCIO À VOZ: REPRESENTATIVIDADE E FEMINISMO NA ARTE E NA DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS

Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO⁵

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Geicy Resende Brandão
Juliana Santos de Oliveira Miranda
Sulene Chaves Miranda

Assinatura do(a)(s)
autor(a)(es)(as)

Ciente e de acordo: Carmem Lúcia Altomar Mattos
Assinatura do(a) orientador(a)

Goiânia, 11 de junho de 2021.

⁵ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a)(s) autor(a)(es)(as) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Geicy Resende Brandão
Juliana Santos de Oliveira Miranda
Sulene Chaves Miranda

**DO SILÊNCIO À VOZ:
REPRESENTATIVIDADE E FEMINISMO
NA ARTE E NA DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientadora:
Profa. Ma. Carmem Lúcia Altomar Mattos

MINEIROS/GOIÁS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Brandão, Geicy Resende
[manuscrito] / Geicy Resende Brandão, Juliana Santos de
Oliveira Miranda, Sulene Chargas Miranda. - 2021.
LI, 51 f.: il.

Orientador: Prof. Carmem Lúcia Altomar Mattos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2021.
Bibliografia. Anexos.

1. Representação feminina.. 2. Mulheres artistas. 3. Docência em
arte. I. Miranda, Juliana Santos de Oliveira. II. Miranda, Sulene
Chargas. III. Mattos, Carmem Lúcia Altomar, orient. IV. Título.

CDU 7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA EAD**

GEICY RESENDE BRANDÃO
JULIANA SANTOS DE OLIVEIRA MIRANDA
SULENE CHAVES MIRANDA

**DO SILÊNCIO À VOZ:
REPRESENTATIVIDADE E FEMINISMO
NA ARTE E NA DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Artes
Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV)
da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 25 de maio de 2021, pelos seguintes membros da
banca:



Profª. Ma. Carmem Lúcia Altomar Mattos – Orientadora
Universidade Federal de Goiás



Profª. Dra. Lorena Pompei Abdala – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás



Profª. Dra. Nayara Joyse Silva Monteles – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás

GOIÂNIA, 2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, autor de nossas vidas, por nos proporcionar a oportunidade e a coragem para enfrentarmos nossa caminhada. Por nos auxiliar a vencer nossos limites com humildade, esforço e dedicação; chegar ao final do curso, que encerra uma etapa importante em nossas vidas e marca o início de novos desafios.

A família, especialmente às nossas filhas, pelo incentivo e inspiração.

Aos nossos pais pela formação e a todos que nos apoiaram de forma direta e indireta.

Agradecemos a professora Carmem Mattos, pelas inúmeras leituras e sugestões, e por ter nos conduzido com tanta sabedoria.

A todos nossos professores que se dedicaram em nos transmitir seus conhecimentos.

"O fato é que não há verdadeira educação sem arte
e nem verdadeira arte sem educação".

Luis Camnitzer

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo pensar a representatividade e o feminismo no contexto da arte e do ensino de artes visuais, a fim de investigar questões relacionadas a participação e o reconhecimento da mulher no universo artístico. Pesquisaremos produções femininas, a partir do olhar de artistas mulheres e arte-educadoras, em diálogo com autores e agentes das artes. Acreditamos ser possível uma educação que amplie o conhecimento e o repertório dos alunos e alunas acerca das histórias, das narrativas e da cultura, destacando o protagonismo das mulheres na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Representação feminina. Mulheres artistas. Docência em arte.

ABSTRACT

This work aims to think about representation and feminism in the context of art and the teaching of visual arts, in order to investigate issues related to the participation and recognition of women in the artistic universe. We will research female productions, from the perspective of women artists and art educators, in dialogue with authors and agents of the arts. We believe that an education that expands the knowledge and repertoire of students about stories, narratives and culture is possible, highlighting the role of women in society.

KEYWORDS: Women representation. Women artists. Teaching art.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A MULHER NA HISTÓRIA	12
2.1 Primeira voz: nossas histórias.....	13
2.2 Breve consideração sobre os movimentos feministas.....	15
3. A MULHER NA ARTE E NA DOCÊNCIA EM ARTE	17
3.1 Guerrilla girls: a igualdade de gênero no universo da arte.....	19
3.2 Bienal 12: a mulher no contexto da sociedade atual.....	24
3.3 Reflexões sobre o ensino de arte e as referências de produção artísticas femininas.	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
ANEXO	40

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a presença das mulheres no meio artístico foi limitada a participação como modelos e musas, na maioria das vezes nuas. Isso, devido às barreiras de uma sociedade patriarcal, que tornava a produção de arte um campo restrito aos homens.

O mundo artístico e o ensino de artes, de modo geral, ainda hoje possuem uma roupagem machista, pois desde pequenos vemos nas aulas produções artísticas de homens, brancos e em sua maioria estrangeiros, deixando em segundo plano as discussões sobre trabalhos de mulheres, negros, a cultura do povo brasileiro e o contexto no qual o aluno está inserido, especialmente nas representações contemporâneas.

Diante disto, este estudo tem como objeto de pesquisa entender o espaço que as mulheres ocupam na arte e na docência em arte, a partir de experiências e depoimentos de artistas e professores de artes, que atuam na cidade de Mineiros, em Goiás, para compreendermos como se dá a representação e a representatividade da mulher neste contexto.

Assim, partiremos das seguintes perguntas: Como a questão de gênero pode ser trabalhada nas aulas de arte? Como ampliar o repertório dos alunos sobre o feminismo e sua relação com a arte? Como abordar os estereótipos femininos? Como trazer para sala de aula a mulher artista como autora e produtora e não apenas como musa? Quais artistas mulheres estão entre as referências usadas em sala de aula? Qual a importância de se mostrar trabalhos de artistas mulheres nas aulas de artes?

É notável que o protagonismo feminino tem se tornado uma das principais pautas nos debates sociais dos últimos anos. Entretanto, mesmo com toda a repercussão e crescimento constante do ativismo feminino, evidenciado a partir da década de 1960, o destaque da mulher nos feitos da sociedade continua à margem de muitos assuntos, sendo ainda muitas vezes negligenciados. No cotidiano vivenciado, a mulher não é vista como referência de trabalho, de luta, de voz ou de força. Ainda é comum, encontrarmos poucos exemplos da produção feminina na ciência, na política, na economia, na cultura e na arte, embora esses campos têm apresentado participação expressiva e crescente das mulheres.

Apesar do contínuo crescimento da participação feminina na sociedade, explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais, como o acesso das mulheres à pílula anticoncepcional – possibilitando a escolha e o controle sobre a maternidade –, o aumento do número de trabalhadoras que atuam em atividades que não se restringem a tarefas domésticas, o destaque de mulheres na política e mesmo na arte; ainda percebemos preconceitos, também

por parte das próprias mulheres que desconhecem o sentido de sororidade, princípio básico do feminismo: a empatia e a união entre as mulheres para defesa de seus interesses e ideais.

Hoje ainda as mulheres buscam seu espaço e o respeito de todos, embora algumas aceitem funções sem remuneração adicional, pois sentem a necessidade de se firmarem e provarem sua capacidade, assumindo funções múltiplas dentro e fora de casa.

Esta pesquisa se faz necessária, devido à enorme capacidade feminina de atuação diante das opressões sofridas e das lutas travadas ao longo do tempo. Com o estudo da representatividade da mulher na arte e na docência em arte, podemos colocar no centro do debate as desigualdades enfrentadas e propostas para reverter esse cenário.

2. A MULHER NA HISTÓRIA

É possível perceber, no decorrer da história, que a busca pelo entendimento sobre a posição da mulher na sociedade também se reflete nos dias atuais. Para a transformação do olhar sobre a trajetória e o papel da mulher em relação a família, a educação, ao trabalho, foi necessária muita luta.

"A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da leitura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos". (Mary Del Priore, 2004, p. 7)

A mulher no Brasil e no mundo atravessou inúmeros desafios para que outras possam ter um futuro igualitário, tanto na educação, nas artes e na vida. A história da mulher por muito tempo foi silenciada, à sombra dos homens, ligada apenas aos afazeres domésticos e a procriação. Porém, destes menosprezados ofícios considerados femininos, surgiram mulheres insatisfeitas e incompletas, estimuladas a buscarem seu lugar, sua representação na sociedade.

Somente no século XX, a mulher começou a ter acesso à educação, ainda assim sem os mesmos privilégios que os homens. E foi através de construções, desconstruções e reconstruções dos seus valores, pela luta constante por igualdade, que elas vêm conquistando a liberdade pessoal e social.

A evolução histórica da mulher na sociedade vem desde a antiguidade, principalmente Roma e Grécia, onde a mulher era totalmente submissa. Considerada inferior, frágil, muitas vezes menos inteligente, incapaz de tomar decisões, sujeita aos homens, seguia uma hierarquia imposta, que afirmava que cada um deveria ter sua função e posição.

Na história do Brasil, consta que a mulher passou a ganhar destaque a partir do momento em que começou a participar das confrontações políticas, ainda na época da escravidão.

Nas Ordenações Filipinas, primeiro código legal português seguido pelo Brasil, que esteve em vigor até 1916, a mulher era considerada inapta até diante dos filhos e com essa insatisfação surgiu a lei da mulher casada, em 1962, que estabeleceu que a mulher podia ter profissão, sendo economicamente produtiva, seguida pelo surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente surgido em 1990, que estabelecia direitos e deveres iguais sobre os filhos.

Contudo, o maior desafio enfrentado pela mulher, ainda permaneceu dentro de suas próprias casas, no seio de suas próprias famílias, onde a mesma continuava a ser subjugada.

Com a Primeira Guerra Mundial e a convocação dos homens pelo exército, as

mulheres começaram a trabalhar em atividades que antes eram restritas ao universo masculino e a buscarem por melhor instrução. Ao final da guerra, as mulheres ganharam direitos assegurados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem (que apesar do nome, incluía homens e mulheres). A partir daí, as mulheres conquistaram o direito ao voto, bem como a participação na vida política e no mercado de trabalho, conforme estabeleceu a Constituição da República Federativa do Brasil:

“Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988)

Mesmo com um documento formal estabelecido e a criação de leis em defesa dos direitos das mulheres, ainda hoje, é perceptível a desigualdade de tratamento e atenção às mulheres. No campo profissional, por exemplo, em algumas empresas, os valores recebidos por homens são maiores que os salários das mulheres que ocupam cargos de grande responsabilidade, ou como vemos frequentemente no dia a dia, a repercussão negativa e os julgamentos quando uma mulher amamenta seu filho em público.

2.1 Primeira voz: nossas histórias

"Permita ser mal visto, mal falado, mal avaliado!
Permita que se enganem a seu respeito, que deem risadas pelas costas!
Permita que julguem, que cochichem, que acreditem saber quem você é!
Permita que 'olhem torto' que se afastem, que o excluam, que o rejeitem!
Enfrente seu maior pesadelo e veja que sim, ele acaba em morte!
Morte deste que era escravo 'dos outros'.
E então viva, viva livre, sem medo.
Porque o 'outro' não tem mais poder sobre você."

(Nina Zobarzo, A Força. 2018, p. 20)

Nosso interesse pelo tema surgiu pelo fato de sermos mulheres, mães de mulheres e futuras arte-educadoras. Com este trabalho buscamos mostrar o quanto o papel da mulher ainda é pouco reconhecido.

De início, nos deparamos com um triste fato: também somos, de certo modo, submissas aos homens que fazem parte de nossas vidas. Marido, namorado, pai, irmãos, chefes, ainda se comportam e nos tratam como aprenderam no passado, com os modelos com os quais foram criados.

No decorrer de nossas vidas, enquanto crianças e adolescentes, experienciamos diversos momentos angustiantes (que nos deixavam, às vezes com raiva, outras sem compreender), sob “determinações” de colegas e professores com pensamentos machistas, que pregavam “o que era coisa de homem ou de mulher”. Nós queríamos jogar ou assistir futebol, brincar com carrinhos, de fazendinha, de polícia e ladrão; consideradas brincadeiras só de meninos, nos pareciam apenas atividades comuns que podiam nos divertir da mesma maneira que divertiam os meninos.

Quando começamos a namorar, percebemos com indignação que os homens podiam tudo e as mulheres não podiam nada. Os rapazes podiam sair à noite sem preocupações, ter e poder explorar as necessidades sexuais, namorar e se relacionar com quem e com quantas mulheres quisessem sem compromisso ou julgamentos. Enquanto isso, nós, as moças, tínhamos que nos guardar para o “príncipe encantado”, reprimir nossos desejos, nos vestir de maneira comportada, controlar o uso de esmaltes e maquiagens, produtos considerados inapropriados e escandalosos e, por muitas vezes, precisávamos seguir decisões tomadas sem sermos sequer consultadas.

Outro fato que nos levou a desenvolver esse trabalho, foi a preocupação com nossas filhas. Residimos em uma cidade do interior, onde há pouca atividade cultural e de entretenimento voltados para a valorização e desenvolvimento da mulher e, entendemos que essa questão também nos cabe discutir enquanto comunidade, refletir sobre como vem sendo tratados os investimentos, os programas e políticas pensadas para esse grupo social. Na educação de nossas filhas, também nos deparamos com o reflexo dessa precariedade de recursos e ações de maneira geral, e especificamente no ensino de artes, que ainda é desvalorizado e patriarcal.

Outro ponto em comum entre nós, foi a oportunidade que tivemos em ter acesso a um curso superior, que nos despertou no sentido de perceber que podemos modificar essa visão que a sociedade nos impõe. Observamos que desde muito cedo, ao longo de nosso período escolar, da alfabetização até o ensino médio, a disciplina Artes, não foi muito aprofundada, não tivemos referências da produção de mulheres artistas. As aulas de artes eram quase sempre voltadas para as festividades locais, datas comemorativas ou se tornavam momentos

de descontração/recreação. A maioria dos professores sem formação específica, também foi outro fator que impactou nossa percepção e aprendizagem, deixando de explorar nosso potencial crítico e criativo.

Hoje, buscamos incentivar as mulheres ao nosso redor, nós podemos e devemos fazer o que quisermos, estarmos onde quisermos, podemos nos vestir da maneira que gostamos, nos pintar, namorar, ficarmos sozinhas se quisermos, e sermos felizes, que é o mais importante.

*

Observando as experiências passadas, os desafios do presente e as propostas para um futuro melhor, torna-se importante destacar a necessidade das políticas públicas voltadas para as mulheres. Pensando sobre nosso contexto, na cidade de Mineiros, no estado de Goiás, não encontramos projetos e/ou políticas públicas específicas para a mulher. O governo entre os anos de 2005 e 2021, manteve uma Secretaria Especial da Mulher, que infelizmente, por motivos políticos, foi destituída. Hoje, o município conta com um espaço de cultura, o “Centro Cultural Santo Agostinho”, aberto a diferentes tipos de eventos e atividades, e o projeto para a construção de um museu, que ainda não foi executado.

São poucas as lideranças que trabalham voltadas para os interesses femininos e artísticos, entre elas destacamos Marta Brandão, pedagoga, que atua no setor cultural de Mineiros, desde 1997, e fez parte do poder legislativo no pleito de 2017 a 2020. Atualmente, Marta coordena o projeto “Artesãos”, que possui em maior número mulheres como participantes. Ela também está tentando organizar um projeto que já existe no país todo, denominado “Leia Mulheres”, onde mulheres se encontram para ler juntas livros de outras mulheres e promover debates e reflexões. Outro projeto que está em fase de implantação no município é a “Comissão do Folclore”, o qual já existe em outros lugares do país, e que inclusive, em Goiás, é presidido por uma mulher.

2.2 Breve consideração sobre os movimentos feministas

Até bem pouco tempo tínhamos que garimpar os rostos e as biografias de mulheres exemplares. Conhecíamos tão pouco delas que vibrávamos diariamente quando descobríamos suas faces ocultas e esquecidas. Como foi possível tamanha invisibilidade? Nossas identidades e subjetividades ficam truncadas, com uma falta essencial que é a possibilidade de nossa rememoração e identificação como grupo social. (ASSIS e SANTOS, 2016, p. 15)

O feminismo e a luta das mulheres começaram muito antes da década de 1960. Muitas mulheres defenderam com maior ou menor repercussão, em pequenos grupos ou até mesmo sozinhas, suas ideias e seus interesses.

Segundo Scott,

(...) “através de sua trajetória, as mulheres apresentam uma quebra de tabus, os quais as privavam de se expressar, e desenhavam seu papel como meras cuidadoras familiares: cuidar da casa, dos filhos, do companheiro, etc. Com o passar do tempo, as mulheres passaram a se destacar na sociedade através de movimentos sociais, juntando-se organizadamente no intuito de defenderem seus direitos”. (SCOTT, 1989.)

O movimento feminista se origina no período das revoluções liberais, ganhando maior destaque na Revolução Francesa, com grande influência dos ideais do Iluminismo. Faz-se importante sublinhar o nome de Olímpia de Gouges, que nesse período lutou pela liberdade dos direitos da mulher, em especial, para que tivessem a oportunidade de participar ativamente da vida política.

De acordo com Costa

(...) “de frente com a Primeira guerra Mundial (1914-1918), o movimento feminista reduziu suas atividades, pois enquanto os homens estavam na linha de frente, as mulheres passaram a desenvolver funções que antes eram papéis somente dos homens. Deixadas sozinhas em casa, se viam na obrigação de tomarem decisões, trabalhar e lutar por suas famílias”. (COSTA, 1998)

Diante da opressão a qual as mulheres foram sujeitadas, nasce o movimento feminista de cunho social, filosófico e político que busca pela igualdade de gênero.

O empoderamento feminino encoraja as mulheres a colocar em xeque a hierarquia e as relações de poder estabelecidas socialmente, promovendo o despertar para a consciência sobre a representação feminina no âmbito público e privado.

3. A MULHER NA ARTE E NA DOCÊNCIA EM ARTE

Diariamente nos deparamos com imagens de mulheres na internet, capas de revistas (tanto femininas quanto masculinas), propagandas, *outdoors*, programas de televisão entre muitos outros. É interessante notar, como essas imagens geralmente são produzidas para mostrarem além dos corpos femininos, sugerindo e reforçando estereótipos como o instinto maternal, o amor e dedicação incondicional à família, a atuação profissional e a conciliação com a vida pessoal sem nenhum obstáculo a ser vencido, entre tantos outros.

Assim, pensar sobre a representação e a representatividade feminina na arte e na docência em arte torna-se fundamental e nos remete a um leque de questionamentos: Quais são as artistas mulheres que estão entre as referências de outras artistas e no ensino de arte na escola? Qual a importância de se mostrar trabalhos de artistas mulheres nas aulas de artes? Como a questão de gênero pode ser debatida nas aulas de artes? Como ampliar o repertório das alunas e alunos sobre questões relacionadas ao feminismo e a representação da mulher na arte e na sociedade? Como trabalhar para a dissolução de estereótipos de gênero? Essas e muitas outras perguntas que nos fazemos e encontramos também como mote em outras pesquisas, talvez precisem estar ainda, por muito tempo em pauta.

Apesar das mulheres estarem ganhando muito mais espaço no mundo artístico, nas discussões políticas e sociais, há poucas décadas, esse cenário era bastante diferente. Disfarçados por novas roupagens, até os dias de hoje, os trabalhos realizados por homens em grande maioria predominam como referência, enquanto outras histórias, narrativas e culturas ficam em segundo plano ou são simplesmente esquecidas.

Como observamos, essas questões reverberam em nosso cotidiano, como no texto “Mulheres Não Devem Ficar em Silêncio: arte, design, educação”, organizado pela pesquisadora e arte educadora Ana Mae Babosa – que norteou a escolha de nosso objeto de pesquisa. O título, inspirado na obra da artista Barbara Kruger, de 1992, elaborada para uma exposição de mesmo nome, aponta para a relação entre a produção artística feminina, o papel e a participação da mulher na sociedade.



Figura 1: Barbara Kruger. Mulheres não devem ficar em silêncio, 1992.

http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro_____BARBOSA_Ana_Mae_572-581.pdf

Em seu texto, Ana Mae nos conta sobre sua própria experiência com o feminismo e sobre como o protagonismo das mulheres na história e na arte, em diversas esferas deve ser repensado:

Sempre me interessei pela reconstrução histórica da participação das mulheres que me antecederam na Arte e na Arte/Educação por isto este livro se centra principalmente na década de 60. Tentamos descortinar a resistência pela ação que tiveram as mulheres deste período. Estou convencida de que aprender é reconstruir e ensinar é pesquisar constantemente. Entretanto, naquela época tinha medo de me dizer feminista e não me passaria pela cabeça fazer as pesquisas que estou fazendo hoje para demonstrar que apesar do apagamento pela História de inúmeras mulheres que construíram as bases da Arte/Educação no Brasil, nós ainda podemos reescrever esta História.

Embora possamos perceber o contínuo crescimento da participação feminina na sociedade, explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais, desde a década de 1960, ainda hoje, é grande o negligenciamento do conhecimento e das referências produzidas pelas mulheres, seja nas artes, nas ciências ou em outros campos.

A seguir, para pensarmos sobre a representação feminina na arte, selecionamos alguns trabalhos do coletivo Guerrilla Girls e de obras da 12ª edição da Bienal do Mercosul, intitulada “Bienal 12 Feminino (s). Visualidades, ações e afetos”, que tratam de questões relativas ao espaço ocupado pelas mulheres nas instituições artísticas e também sobre temas recorrentes em suas rotinas. Para observarmos a participação das mulheres no ensino de artes, organizamos algumas reflexões, a partir das respostas ao questionário que elaboramos, para compreendermos melhor sobre o contexto no qual estamos inseridas.

3.1 Guerrilla Girls: a igualdade de gênero no universo da arte



Figura 2: Guerrilla Girls, 1985.

(<https://revistacult.uol.com.br/home/guerrilla-girls-no-brasil-masp/>)

O coletivo Guerrilla Girls, serve como exemplo marcante de como a representação feminina é visivelmente marginalizada. Composto por artistas feministas anônimas que têm como objetivo combater o sexismo e o machismo no mundo da arte, o grupo formado em Nova York, em 1985, tem a missão de trazer ao público a desigualdade de gênero e raça dentro da comunidade artística. No texto da exposição “Guerrilla Girls: gráfica, 1985-2017”, realizada no MASP, em São Paulo (2017-2018), os curadores sublinham:

“É interessante considerar como o discurso humorado das Guerrilla Girls se articula com questões mais abrangentes e profundas como o eurocentrismo, o privilégio branco, a heteronormatividade e o domínio masculino. Em paralelo às várias e, às vezes, conflitantes ondas de feminismos e políticas LGBT e aos movimentos negro e indígena, ainda é importante trabalhar em direção a uma aliança múltipla, diversa e plural entre as minorias oprimidas pela supremacia branca, masculina, heterossexual e socialmente privilegiada”.

O coletivo foi formado há mais de 30 anos e tem como foco principal a luta pela igualdade de gênero no universo das artes. Em 1984, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), apresentou a exposição “An international survey of recent painting and sculpture” (“Um panorama internacional da pintura e da escultura recente”, em tradução livre), que contou com a participação de 165 artistas de 17 países. Desses pintores e escultores apenas 13 eram do sexo feminino. Com isso, um grupo de mulheres, indignadas com a inexpressiva representação feminina e o desconforto desse tipo de situação, comum ao longo

do tempo no meio das artes, protestou colando cartazes na frente do museu e depois espalhando esses cartazes pela cidade. Surgia assim as Guerrilla Girls e desde então, 55 mulheres passaram pelo grupo. As máscaras de gorila que utilizam representam o machismo e ao mesmo tempo protegem suas identidades, mas também parecem apontar o quão primitiva é realidade no mundo das artes.

Com trabalhos gráficos, o coletivo mostra o resultado do levantamento e análise das desigualdades de participação de gênero nos acervos de grandes museus e exposições pelo mundo.



Figura 3: Arte gráfica para Metropolitan Museum (Met. Museum). Guerrilla Girls, 1989.

<https://masp.org.br/acervo/busca?author=guerrilla+girls>



Figura 4: Arte gráfica para Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Guerrilla Girls, 2017/2018.

<https://masp.org.br/acervo/busca?author=guerrilla+girls>

As imagens acima, de cartazes produzidos a partir das coleções do “Metropolitan Museum” (*Met. Museum*) e do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP)

exemplificam como as artistas manifestam seus olhares e sua crítica, enfatizando o desequilíbrio da participação de homens e mulheres no meio artístico, bem como a superexposição dos corpos femininos.



Figura 5: “The advantagens of being a woman artist”, Guerrilla Girls.

<https://www.hypeness.com.br/2017/07/lutando-pela-igualdade-de-genero-no-universo-das-artes-ha-mais-de-30-anos-conheca-as-guerrilla-girls/>

Nessa outra obra, “The advantagens of being a woman artist” (“As vantagens de ser uma artista mulher”), as artistas listam com humor e ironia, alguns tópicos que consideram favoráveis as mulheres em sua produção criativa: “Trabalhar sem a pressão pelo sucesso. Não ter que participar de exposições com homens. Poder descansar do universo da arte nos seus outros 4 empregos. Saber que sua carreira pode deslanchar depois dos 80 anos. Saber que não importa o tipo de arte que você faça, ela sempre será rotulada como ‘feminina’. Não ficar presa em um trabalho estável de professora. Ver suas ideias ganharem vida no trabalho de outras pessoas. Ter a oportunidade de escolher entre sua carreira e a maternidade. Não precisar engasgar com charutos ou pintar vestindo ternos italianos. Ter mais tempo para trabalhar depois que seu companheiro te largar por alguém mais jovem. Ser incluída em versões revisadas da história da arte. Não passar pelo constrangimento de ser chamado de ‘gênio’. Aparecer em revistas de arte vestindo uma roupa de gorila”. (Tradução livre)

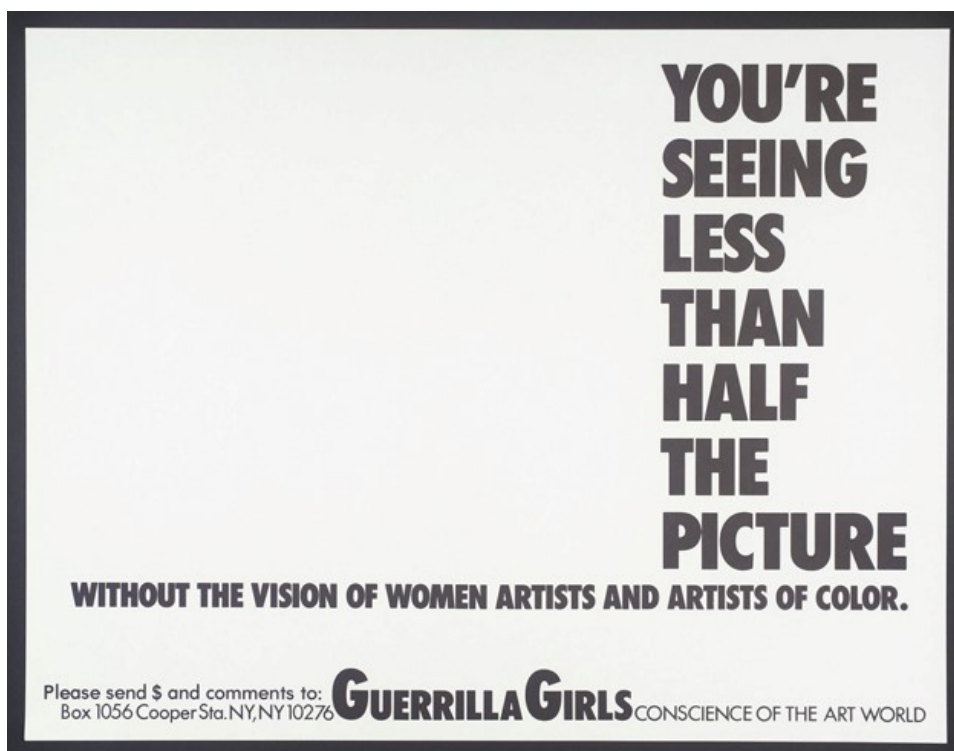


Figura 6: “Você está vendo menos da metade da imagem sem a visão de artistas mulheres e artistas não brancas/os.”, 1989 (Imagem: GuerrillaGirls)

<http://jornalismojunior.com.br/guerrilla-girls-as-mulheres-precisam-estar-nuas-para-entrar-nos-museus/>

No trabalho acima (Figura 6), “Você está vendo menos da metade da realidade sem a visão das artistas mulheres e dos artistas de cor” (tradução livre), observamos que as obras do coletivo também refletem sobre a participação de outros grupos sociais, colocando em perspectiva as limitações do público ao visitar uma exposição, com grande parte das obras produzidas por artistas consagrados.

É com essa filosofia que o grupo vem lutando, por causas que começaram com a representação feminina em espaços artísticos e posteriormente se desdobraram em outras questões como o racismo, o aborto, a privatização da arte e o controle das galerias e museus por bilionários.

HOW MANY WOMEN HAD ONE-PERSON EXHIBITIONS AT NYC MUSEUMS LAST YEAR?

Guggenheim 0
Metropolitan 0
Modern 1
Whitney 0

1985

SOURCE: ART IN AMERICA ANNUAL 1985/86

HOW MANY WOMEN HAD ONE-PERSON EXHIBITIONS AT NYC MUSEUMS LAST YEAR?

Guggenheim 0
Metropolitan 1
Modern 2
Whitney 1

2015

SOURCE: MUSEUM WEBSITES

Figura 7: Gráficos comparativos sobre a ocupação das mulheres no espaço museal. Guerrilla Girls, 1985/2015.

<https://masp.org.br/acervo/busca?author=guerrilla+girls>

Nos pôsteres “Quantas mulheres tiveram uma exposição individual em um museu de Nova York no último ano?”, podemos ver que apesar dos esforços e das denúncias, o panorama da participação das mulheres no meio artístico, num período de 30 anos, teve mudanças pouco significativas.

Recentemente, o grupo Guerrilla Girls, lançou o livro “The Guerrilla Girls’ Updated Art Museum Activity Book” (“O livro atualizado das atividades dos museus de arte das Guerrilla Girls”. Tradução livre.), onde o grupo comenta e atualiza suas estatísticas

“Em 2011, realizamos uma recontagem. Tínhamos certeza de que as coisas haviam melhorado, mas surpresa! Somente 4% dos artistas nas partes contemporâneas e modernas dos museus eram mulheres, mas 76% da nudez nas obras eram femininas. Menos artistas mulheres, mais nudez masculina. Isso é progresso? Pelo visto, ainda não podemos tirar nossas máscaras”.

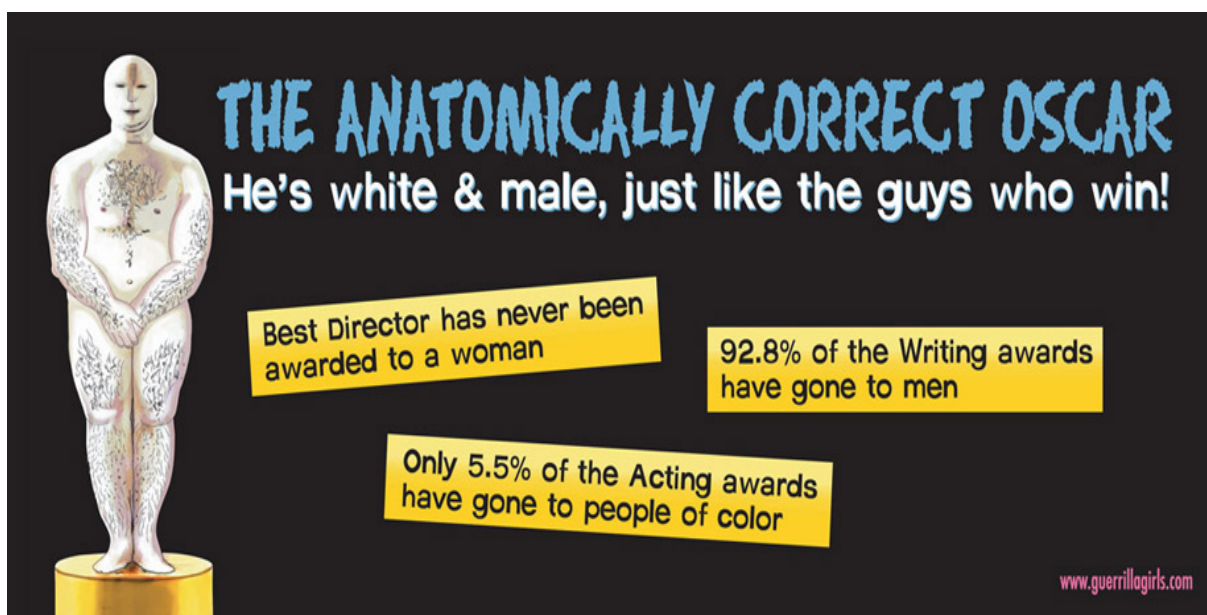


Figura 8: O Oscar Anatomicamente Correto (projeto de outdoor: Guerrilla Girls), 2002

<https://masp.org.br/acervo/busca?author=guerrilla+girls>

Na figura 8, “O Oscar anatomicamente correto. Ele é branco e homem, assim como os caras que ganham. Nunca uma mulher ganhou o Oscar de melhor diretora. 94% dos prêmios de roteiro vão para escritores homens. Somente 3% dos prêmios de atuação foram dados para pessoas de cor.” (Tradução livre), notamos que as estatísticas e críticas do coletivo, vem se estendendo também além da participação e representação de diferentes grupos sociais minoritários, outras áreas ligadas às artes, como o cinema e a música. A conexão de todas essas matérias, nos leva ao entendimento da importância de nos posicionarmos diante da sociedade, homens e mulheres, de forma igualitária, respeitando as diferenças, assumindo lideranças e reconhecendo os valores individuais.

3.2. Bienal 12: a mulher no contexto da sociedade atual



Figura 9: Divulgação da 12ª edição da Bienal do Mercosul
<https://www.bienalmercosul.art.br/>

A edição mais recente da Bienal do Mercosul, intitulada “Bienal 12 Feminino (s). Visualidades, ações e afetos”, discute amplamente sobre a complexidade da representação da mulher na sociedade, os desafios do dia a dia e assuntos relacionados.

A Bienal do Mercosul é uma mostra internacional de arte contemporânea que acontece desde 1997, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Suas ações coordenadas pela Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, contribuem para a educação e pesquisas no campo das artes e suas interseções, o acesso à produção artística, como meios para o exercício da cidadania e a construção de uma sociedade mais justa.

Em função do contexto pandêmico e de isolamento social devido a Covid-19, a 12ª edição da Bienal do Mercosul, em 2020, não aconteceu em espaço físico. Toda a programação, os diálogos e reflexões, aconteceram inteiramente de forma virtual, com transmissões on-line, materiais educativos, textos e obras disponibilizados em plataforma digital.

O tema do feminino, visualidade, ações e afetos foi proposto, levando em conta sua grande importância social e atualidade, difundindo informações e olhares poéticos.

As proposições artísticas da Bienal 12, nos convidam a reflexão e debate, sobre a representação e representatividade, destacando pontos como a violência contra a mulher, assédio moral e sexual, feminicídio, conflitos sociais entre outros, enfrentados nos países da América do Sul e pelo mundo. A exposição explorou o debate sobre o espaço social da mulher e das minorias, no conjunto da sociedade; fez questionamentos acerca da maneira de ver o mundo com mais respeito. De acordo com a curadora Andrea Giunta, a amostra “Feminino(s), Visualidades, Ações e Afetos”,

“teve a intenção de construir um ambiente de influência mútua de visualidade, atuações e afeições que mostrasse aos participantes como é rica a vida democrática, sem deixar de mostrar como esse assunto é complexo”.



Figura 10 - Rahima Gambo, série Tatsuniya, Playing Slowly, 2017.

<https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-12-obras/S%C3%A9rie-Tatsuniya%3A-Playing-Slowly>

A obra da artista nigeriana Rahima Gambo, nos mostra experiências de alunos afetados pelos conflitos com o *Boko Haram*, um dos mais perigosos grupos terroristas da atualidade. A série de fotografias reflete sobre os traumas causados e a tentativa da

comunidade de reagir de maneira positiva à situação, dando voz as vítimas de violência, aprendendo juntos, conversando, se expressando.



Figura 11: Olla común. Arpilleras MMDH. (Tecido e bordado).
<https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-12-obras/Olla-com%C3%BAn>

O coletivo Arpilleras MMDH (1973 - 1990) iniciaram suas atividades como uma ação comunitária de escrita sobre as experiências do processo social durante a ditadura no Chile, a partir da percepção das mulheres.

Em suas obras, podemos reconhecer os desafios enfrentados, as lutas e a maneira pela qual elas reivindicam apoio aos seus direitos.



Figura 12: Estão sendo tecidos. Helô Sanvoy, 2013 – 2018. (Vídeo)
<https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-12-obras/Est%C3%A3o-sendo-tecidos>

No vídeo “Estão sendo tecidos”, o artista nascido em Goiânia, registra uma conversa com sua mãe, enquanto ela trança seu cabelo e com sua esposa, associando o momento de cuidados pessoais a reflexão sobre histórias particulares que se misturam com o contexto geral de famílias que vivem em cidade de interior: as condições, dificuldades e desigualdades sentidas por todos.



Figura 13: Zapatos Rojos. Elina Chauvet, 2009-2020.
<https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-12-obras/Zapatos-Rojos>

Trinta e três pares de sapatos femininos pintados de vermelho, formam a instalação que trata da triste realidade, do aumento do números de casos de feminicídio e violência

contra a mulher. Elina Chauvet apresentou pela primeira vez a proposição nos anos noventa, em Ciudad Juárez, no México, em resposta a onda de assassinatos de mulheres e a morte de sua irmã pelo marido.

A obra já foi apresentada em diversas cidades pelo mundo e a montagem para a Bienal 12, contou com a participação da comunidade de Porto Alegre e da ONG THEMIS, criada por um grupo de advogadas e cientistas sociais feministas, que tem com o objetivo confrontar as discriminações as mulheres no sistema judiciário.

Esse trabalho nos desperta para a violência cotidiana contra a mulher, nas esferas pública e privada. Nos enganamos, acreditando que essas situações são mais comuns com mulheres que vivem em condição de vulnerabilidade, entretanto, a obra evidencia justamente o contrário, que todas estamos sujeitas a episódios como esses em nosso dia a dia, na maioria das vezes por questões banais.

A produção da artista Gladys Kalichini tem como foco a história colonial, marginalização e memória sobre narrativas de mulheres. Na vídeo instalação “Burial: Erasing Erasure”, ela remonta uma prática de sepultamento zambiana, remetendo a perda e ao desaparecimento de histórias de mulheres.



Figura 14: Gladys Kalichini. Burial: Erasing Erasure, 2017.
<https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-12-obras/Burial%3A-Erasing-Erasure>

Artista visual, pesquisadora e educadora, Rosana Paulino, foi homenageada na 12ª Bienal do Mercosul. Seu trabalho se destaca no debate em relação às manifestações contra o racismo e a posição social da mulher negra no Brasil e no mundo. Seu trabalho utiliza elementos considerados de uma “cultura feminina”, como bordados e costuras.



Figura 15: Rosana Paulino. Bastidores, 1997.
<https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-12-obras/Parede-da-Mem%C3%B3ria->

A série “Bastidores”, um dos trabalhos mais expressivos da artista, mostra imagens de mulheres negras impressas em tecidos presos em bastidores de madeira, trazendo à tona críticas voltadas à violência contra a mulher negra com pinturas e bordados que tampam boca e olhos das mulheres retratadas.

Todas as obras da Bienal 12, nos trazem reflexões muito importantes sobre como a representação feminina vem acontecendo na arte e se relacionam diretamente a realidade que vivemos. A seleção de obras que fizemos, buscou demonstrar um pouco das muitas questões que podem ser abordadas a partir do tema desta pesquisa. Todos esses trabalhos, ressaltam em primeiro lugar, a diversidade da produção artística de mulheres e homens que estão atentos aos problemas sociais que enfrentamos e ao mesmo tempo, lançando novos olhares e possibilidades para dissolução desses obstáculos. E em segundo lugar, demonstram a quantidade de referências e discussões que podem ser trabalhadas no âmbito escolar, ampliando o repertório dos alunos, levando para nossa prática em sala de aula, por exemplo, percepções sobre estereótipos – evidenciado muitas vezes principalmente pelas relações com o corpo – e as desigualdades entre os espaços ocupados por homens e mulheres, apontando para a transformação de pensamentos e atitudes, que se faz necessária em nossa sociedade como um todo.

3.3 Reflexões sobre o ensino de arte e as referências de produção artísticas femininas

As artes possuem um papel muito importante na formação humana e a escola representa um espaço de destaque nesse processo. Assim, é necessário que o professor desenvolva ações que facilitem com que a arte se torne uma ferramenta de reflexão sobre o meio onde vivem e as relações que se estabelecem.

Para Barros e Gasparini,

“A arte é uma representação da realidade, é um meio de compreender fatos históricos, tornando-se um objeto socialmente construído. Ela deve ser inserida no ambiente educacional a fim de torná-la conhecimento escolar. O entendimento da arte na sala de aula deve fornecer subsídios para que o educando compreenda a arte como comunicação, sendo um meio pelo qual o homem mostra ao mundo a sua aspiração, inspiração, inquietude e ousadia expostas às contingências da realidade; tornando-se necessário, desta forma, despertar nos alunos e futuros professores a necessidade que a manifestação artística possa e deva ser fruto da reflexão”.
(BARROS E GASPARINI, 2007, p. 2)

Deste modo, podemos pensar sobre como a produção artística de mulheres vem rompendo com os lugares estereotipados destinados a elas. No texto “Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência” (LOPONTE, 2002) somos convidados a refletir sobre os espaços ocupados por questões e imagens do feminino na educação e na arte contemporânea, que nos levam justamente a um olhar mais aguçado sobre o tempo que vivemos.

Neste estudo, seguimos a linha de raciocínio de Loponte, tirando o foco da imagem do feminino e trazendo a presença da mulher como artista e sua subjetividade, entendendo assim o espaço mais íntimo do feminino, seus desejos e lutas em relação a sociedade à qual estamos inseridos.

Para entendermos melhor sobre a realidade do ensino de artes e como a produção de artistas mulheres e questões relacionadas a sua representatividade são discutidas e apresentadas na escola elaboramos um questionário direcionado a artistas e arte educadoras de Mineiros/Goiás, município onde desenvolvemos esta pesquisa e onde atuaremos futuramente.

Aplicamos as perguntas a quatro profissionais da área artístico-cultural. Também foram realizadas conversas informais com gestores e coordenadores de algumas escolas, nas quais visamos reforçar as informações obtidas.

Os questionários foram respondidos por mulheres com formação em pedagogia, arte educação e artes visuais, que atuam na docência de arte na rede pública. Os questionários foram organizados com 08 (oito) questões destinadas a identificação da participante, como nome, nível de formação, forma de trabalho e realização dos planos de aula, além de orientação de como trabalhar questões como gênero, sexualidade e estereótipos em sala de

aula, ampliar o repertório dos alunos na questão do machismo e feminismo, buscando trazer a figura feminina como artista e não apenas como musa.

Em relação ao preenchimento do instrumento de pesquisa, os mesmos foram passados aos professores no início do mês de março, onde foram repassadas algumas orientações sobre o preenchimento. O questionário foi enviado às entrevistadas por e-mail e devolvidas, também de forma digital.

O questionário foi elaborado buscando sobretudo perceber como as professoras encaram o ensino de arte e quais seus contatos com trabalhos de artistas mulheres, visando conhecer se tal oferta era adequada às necessidades dos educandos.

As entrevistadas demonstraram se interessar pela arte desde a infância e a consciência de que a arte está sempre presente em nosso cotidiano, está mais próxima de nós do que podemos imaginar, podemos dizer que a arte está ao alcance de todos que necessitem se expressar. Nesse sentido, Cíntia (2021) diz que foi depois de uma oficina que tiveram com uma das professoras e suas várias explicações pode compreender que a arte está sempre presente em nosso meio e com essas descobertas conseguiu trazê-la para nossa realidade.

Foi preciso muita luta para conquista de espaço culminando no “movimento feminista” assim, as mulheres começaram a perder o medo e colocar suas ideias e sentimentos para fora, a sociedade começou a ver os direitos, deveres e opiniões das mulheres crescendo no meio social. Isso aconteceu em vários espaços, na arte, na música, na dança, na política, nos estudos etc. Diante disso, as mulheres foram se tornando referências, deixando a submissão e criando independência. Tudo começou quando essa liberdade de expressão renasceu junto com o crescimento da mulher no mundo da arte. Ou seja, é necessário usar sempre as mulheres artistas como referências, isso possibilita a diminuição do machismo e condenação das mulheres frente a essa sociedade masculina que sente a dona do poder. Nesse sentido, ao serem indagadas sobre a importância de usar como referência obras de artistas mulheres nas aulas de artes, Marta (2021) diz que:

“É de suma importância, pois a mulher, apesar de todos os afazeres que ela tem, que a sociedade lhe impõe, ela ainda encontra tempo para ser essência e não apenas um ser metódico e mecânico. A mulher artista é capaz de tornar o mundo mais belo e através de sua força e de seu talento mostrar a beleza e a leveza do mundo, e ainda pode ter com sua arte, o sustento financeiro”. (Marta, 2021)

Nesse sentido, a representatividade da mulher na arte, é de suma importância para conhecer as experiências em que a diversidade das práticas das artistas nos distintos contextos e épocas seja estimulada, multiplicando o campo do pensar e do agir e também mostrar horizontes éticos e estéticos.

Outro ponto que merece destaque é a questão do gênero. Gênero é o discernimento sobre as diferenças sexuais, diferenças essas, fortalecidas pela sociedade quando define o feminino como o sexo frágil e submisso, e o masculino à força e independência. É comum nos depararmos com essa questão dentro do ambiente escolar, onde é intensificado. É importante que o educador entenda como os padrões determinados pela sociedade interferem nas relações escolares e sociais.

É necessário conhecer a cultura dos alunos e deixar os mesmos se expressarem em relação ao conhecimento do assunto. Em uma grande escala percebemos que há uma existência muito grande de estereótipos, ou seja, os alunos carregam consigo pensamentos antigos e familiares de não aceitação, contudo crescem e acabam se relacionando com outras pessoas que pensam igual. Desta forma, destaca Cíntia (2021):

Vejo que é necessário começar debater o assunto antes dos alunos chegarem no ensino médio, é preciso criar formas interdisciplinares muito em planejadas para ampliar o conhecimentos desses alunos, assim como, das famílias. Uma vez que, ainda existe um grande tabu em conversar sobre sexualidade e mais ainda sobre escolhas e opções sexuais.

Vivemos em sociedade que persegue, mata, critica e tem dificuldades de aceitar o outro devido a escolha sexual. É necessário propor aos alunos pensamentos críticos e construtivos sobre a nossa vivência em sociedade e o respeito para com o outro, e o chão da escola é um lugar de grande conhecimento e socialização para vivenciarmos e ampliarmos esse contexto. É preciso também proporcionar ao professor conhecimento e segurança para debater sobre o assunto, uma vez que, vivemos em uma sociedade que tudo é distorcido e o professor acaba sendo condenado, ou seja, se vai orientar, julga o como influenciador de gêneros dentro da sala de aula. Mas é muito interessante que cada entrevistada tem uma forma diferente de trabalhar essa questão:

Sempre gosto de trabalhar com temas para sensibilizar os alunos para a questão do gênero. Como o artista Leonilson com seus bordados, movido pela necessidade de registrar sua subjetividade. E também a artista Rosana Paulino vem se destacando por sua produção ligadas as questões sociais, étnicas e de gênero, seus trabalhos tem como foco principal a posição da mulher negra na sociedade brasileira. Mostrando para os alunos questões de respeito a diversidade cultural contribuindo para uma sociedade livre da discriminação e do preconceito. (Maria, 2021)

Com respeito e reflexão. Trabalhando biografias de artistas mulheres do passado e citando também artistas contemporâneas. Como por exemplo traçando uma comparação entre a fragilidade de Frida Kalo e sua dor individual e a luta social de Rosana Paulino que trabalha a condição da mulher negra na sociedade, passado e presente. Entre outras artistas. Conduzindo o aluno a refletir e formar sua própria opinião. (Beatriz, 2021)

O assunto não é fácil de ser abordado, muitas vezes os professores são ameaçados e teme por sua própria vida, daí entra também a questão política e religiosa. Debater e orientar é preciso, mas, ainda existe uma grande insegurança no contexto educacional para tal assunto.

A arte é universal. Ainda vivemos em um mundo muito machista. E precisamos desmitificar muitos estereótipos, como: cores de menino e de menina, trabalhos de menina e de menino. É papel da escola desconstruir frases machistas. Pode-se em sala de aula propor aos estudantes que criem lista de mulheres artistas que estudem a biografia de algumas, ou trace seus perfis, para perceberem as dificuldades enfrentadas por elas na busca de seu espaço, na ânsia de mostrar sua arte e talento à sociedade.

Em nossa cidade, por exemplo, tivemos instrumentistas, musicistas, mulheres capacitadas e que tiveram que enterrar seu talento devido a não aceitação do marido. Poderiam ter transformado o lugar onde viveram. E isso continua, pois o tempo que a mulher tem para se dedicar as artes é muito limitado, os deveres femininos da mulher ainda são numerosos e a compreensão masculina ainda é debilitada.

O machismo e o feminismo são questões de grande importância para reflexões em ambiente escolares. O empoderamento feminino na escola, por exemplo, é uma das medidas capazes de contribuir para o desenvolvimento de mulheres mais preparadas e confiantes.

Nesse sentido, como professora, procuro incentivar reflexões sobre o feminismo como a artista Frida Kahlo que aborda nas suas obras esse tema, promover a equidade, estimular a empatia e fortalecer o empoderamento feminino na escola, evitando que as meninas se sintam menosprezadas frente a situações machistas. (Maria, 2021)

Ao se trabalhar as questões sobre o machismo e o feminismo em sala de aula é importante instigar a curiosidade sobre os temas o que é, a definição mesmo. Daí vai de ampliando esta pesquisa incluindo falas, atos, posturas, atitudes machistas e feministas. Deixar bem conceituado e claro os termos, após ampla discussão e construção conjunta. O professor precisa incentivar o aluno a conhecer e pensar sobre esses temas, provocando discussões saudáveis e respeitadas, considerando sempre a visão de mundo e opinião de cada aluno, mostrando caminhos de tolerância e respeito. A Arte é uma aliada importantíssima para trabalhar esses temas. Na literatura sobre História da Arte existe várias biografias de artistas mulheres que trabalham com essas temáticas de forma bem sensível e consciente, mulheres artistas que promovem seu próprio ato de liberdade, mostrando que a criação artística contribui para a denúncia da opressão feminina, ajudando na transformação do papel da

mulher ao longo da história. E que as mulheres artistas contemporâneas querem deixar de ser objeto de arte, para ser artistas autora da sua própria criação e dispensar do dever de ser musa.

Por isso é de suma importância trazer para a sala de aula questões como essa, a visão da mulher como artista e não apenas como musa. Ao serem indagadas como trabalhar esse tema em sala de aula, Beatriz (2021) e Cíntia (2021) destacam que:

Através de discussões e pesquisa, conscientizando e diferenciando a artista da musa, deixando claro que as mulheres podem e devem ser muito mais que apenas musa, ou um objeto bonito e sexual. A mulher tem conteúdo e criatividade tanto quanto o homem. Uma tecla em que eu insisto nas minhas aulas são as letras de alguns gêneros musicais, como o funk e algumas sertanejas. Procuro de um jeito reflexivo mostrar como as mulheres são retratadas nessas letras, levando os alunos a refletirem. (Beatriz, 2021)

É preciso muita leitura que tenha como base o contexto histórico e suas significâncias em relação a linguagem artística que o mesmo expõe para a sociedade. Os alunos hoje necessitam saber ler, interpretar e transpor de forma perceptiva e ativa seu conhecimento de mundo. Não dar pra viver seguindo modinhas de redes sociais e achar que toda mulher bonita precisa ser chamada de gostosa. É necessário separar opiniões e respeitar o profissionalismo de cada pessoa independente do seu trabalho como artista. Convivemos com muitos jovens hoje com vocabulários pobres e sem escrúpulos, ou seja, é preciso mudar essa visão pobre de uma grande parte de nossa sociedade. (Cíntia, 2021)

Nesse sentido foi pedido às entrevistadas que nos dessem exemplos de artistas/mulheres que estão entre as referências delas para serem trabalhadas em sala de aula. Marta (2021) disse que sua maior referência é: “Cora Coralina, Milena Curado, artistas de nosso município (Marlene Furtado, Ana Maria Verzeloni, Cleo Borges)”. Beatriz (2021) nos relatou que em suas aulas procura trabalhar com artistas como Anita Malfati, Tarsila do Amaral, Rosana Paulino, Camille Claudel, Frida Kahlo e algumas grafiteiras.

A artista vai depender do conteúdo da aula, do tema a ser trabalhado. Esse bimestre mostrei para os alunos um curta de uma designer que defende essa problemática da mulher num mercado considerado masculino, o mundo do design. E vou trabalhar agora com uma artista mulher do movimento barroco Clara Peeters (1594 a 1657).

Mostrar trabalhos de artistas mulheres nas aulas de artes é importante porque leva conhecimento das condições da mulher na sociedade, e trás reflexão sobre como mudar essas condições, quais caminhos seguir. A abordagem deve ser feita a partir de um diagnóstico sobre o conhecimento que a turma tem sobre o assunto, sobre o tema que será trabalhado, e ai sim a professora escolhe uma artista que melhor se adeque ao contexto da aula, pois é sabido que cada artista trabalha uma temática.

Para que todo esse conhecimento seja concretizado, o planejamento é de fundamental importância para que se atinja êxito no processo de ensino-aprendizagem.

Para Luckesi (1990), em um planejamento:

As ações planejadas são fruto de reflexões críticas sobre o próprio trabalho docente, quando inserido em uma comunidade com características e necessidades próprias a serem atendidas de forma consciente e objetiva, assumindo em sua prática pedagógica o ato da educação em seu sentido mais pleno, como ato ou efeito de educar (-se), considerando o envolvimento e a participação dos alunos e professores na construção do fazer educativo e de seus processos. (LUCKESI, 1990, p. 67)

Deste modo, podemos dizer que a escola não é uma “redoma de vidro” que estará privada e desassociada da realidade, é necessário que o educador introduza em seus planos de aula, as extensões humanas, técnicas e políticas.

Por isso foi perguntado as entrevistadas sobre como organizam seus planos de aula e quais critérios usam para definir as referências que apresentarão aos alunos. Cíntia (2021) destacou que:

Leituras de artigos, livros de autores que descrevem sobre a linguagem da arte, experiências do cotidiano escolar, construção e exposição de trabalhos que destacam a linguagem da arte em nosso meio. Relatos e registros da cultura de nossa cidade onde a arte se faz presente, releituras de obras de artes, dentre outros. A partir desse conjunto de conhecimentos realizava as aulas da semana, procurando vivenciar de forma lúdica e participativa do conhecimento dos alunos sobre o significado da arte em nosso meio. (Cíntia, 2021)

Beatriz (2021) diz que busca organizar seu planejamento juntamente com as habilidades a serem atingidas naquela aula casando com a pesquisa e apresentação da ou das artistas escolhidas previamente para esse objetivo, buscando sempre uma reflexão sobre a situação e conquistas das mulheres artistas na sociedade.

De acordo com Marta (2021), seu planejamento é pautado em:

Referências locais, oportunizando a expansão destas para os demais espaços. Gosto de mostrar que toda arte e habilidades que chegam até nós, podemos percebê-las onde estamos, cada indivíduo é importante onde ele está, em seu local ele tem nome, portanto não existe aquela frase “autor desconhecido”, o que podemos dizer é: “desconheço a autoria”, pois tudo que é feito, é feito por alguém e todos são importantes no lugar onde atua.

Dessa forma, foi apresentada a importância de abordar artistas femininas nas aulas de artes tem grande significado para a formação e edificação do ser humano, levar os homens a respeitar a produção feminina e não só vê-la como algo belo e doméstica, mas um ser dotado de habilidades, sentimentos e emoções que precisam ganhar asas e voar por onde quiser, tornando o mundo mais justo e humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de nos últimos anos as mulheres terem ganhado mais espaço no mundo artístico, se compararmos com algumas décadas atrás, nas quais a mulher era vista apenas como mero ser passivo do universo masculino, esta pesquisa vem contribuir para realizarmos uma reflexão sobre a opressão feminina no universo da arte e como se dá sua representação e representatividade no ensino de artes.

Ao longo da história da humanidade as mulheres em diversos campos fizeram transformações importantes em sua posição na sociedade, deixando de ser apenas subordinadas a tarefas do lar, filhos e marido, para assumir cargos políticos, em empresas, nas mais diversas profissões, buscando o direito trabalhar e ter sua independência financeira, além de suas diversas formas de expressões muitas vezes conquistadas através da Arte.

Partimos do princípio que nossas artistas tenham sido por muito tempo ignoradas pela sociedade, ou viveram sempre à sombra de um homem, e enumeramos algumas lutas travadas na busca de superação, de grandes transformações nos mais variados espaços da sociedade, e luta cada vez mais por novas conquistas e garantia de direitos, que mesmo com toda a participação das mulheres no mercado de trabalho, elas ainda se encontram em atividades mais vulneráveis, recebendo rendimento menores que os homens e apresentam maiores chances de ficarem desempregadas, além de terem seus trabalhos artísticos considerados de menos valor.

As mudanças só foram possíveis devido a persistência e constante busca de realizar seus sonhos, estudar, protestar, se sacrificar para serem ouvidas e conseguir direitos, nem mais nem menos, iguais.

Acreditamos que com a busca das mulheres por este lugar ao sol, traz mudança em toda a sociedade, muda a condição das mulheres, da comunidade LGBTQIA+, outros grupos minoritários e dos homens, alterando comportamentos e deixando em equilíbrio as concepções de diferenças, porque a educação é a grande transformadora da sociedade, e deve justa e com a participação de todos.

O objetivo deste trabalho teve o princípio de compreender como se dá a representação e a representatividade da mulher nas artes e na docência a partir de investigação, depoimentos e análise bibliográfica.

Acreditamos nossos objetivos foram atingidos, e nos surpreendemos com a quantidade de materiais disponíveis, para pesquisa, e quanto ao empenho, disposição e à colaboração de

nossas entrevistadas. Essa busca pela representatividade feminina é um meio de nos identificarmos e percebermos que não estamos sozinhas.

No entanto, esbarramos com desafios, quanto ao tempo, e quanto a pesquisa, pois durante a pandemia, nos encontramos mais com pesquisas feitas pela internet, que as vezes, em nossa cidade é um pouco precária.

Assim ficamos muito satisfeitas com a pesquisa que fizemos, bem como com o entendimento e contato com outras pesquisas que abordavam o mesmo tema. E destacamos como pontos positivos todo o aprendizado, todo o conteúdo, toda a história de luta que as arte-educadoras enfrentam. E não só isso, nos surpreendemos com as lutas de outros grupos negligenciados também.

No que tange a cidade de Mineiros, a preocupação é toda essa desvalorização, não só o papel da mulher, mas dos artistas e manifestações artísticas e culturais, como um todo, pois toda sua história de vida faz parte do nosso contexto social, e também nossa percepção das desvalorizar cultural.

Assim certamente com o desenvolvimento deste estudo podemos provocar reflexões a cerca de como a cultura e ações artísticas podem ser realizadas na cidade de Mineiros. Tal trabalho também tem grande importância para nossa carreira como acadêmicas de artes visuais e futuras arte-educadoras, pois através dele percebemos o quão desafiador será nosso trabalho, pois o tema é importante para acrescentar em nós e na sociedade novas percepções e valorização da cultura da identidade, principalmente Mineirense, podendo ampliar suas aprendizagens.

Acreditamos ainda, que outros professores possam usar esse trabalho como modelo e fazer novas conexões e usar para ampliar e provocar novas percepções a cerca do papel da artista mulher e da educadora em artes. Aprender, buscar e contribuir com a Arte e com a educação é um dever do arte-educador e o contato com nossa história é valorizar raízes e ensinar o respeito as diferenças.

Pensamos que esse trabalho não está finalizado, só faz uma reflexão breve sobre o tema e abre caminhos para novos estudos, militância, e mudanças para transformar sociedade.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ALMEIDA, Flávia Leme. **O feminino na arte e a arte do feminino: movimentos libertários do século**. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/mqk8h/pdf/almeida-9788579831188-05.pdf> . Acesso em 20/11/2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Mulheres Não Devem Ficar em Silêncio: arte, design, educação**. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____BARBOSA_Ana_Mae_572-581.pdf Acesso em: 23/11/2020

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARROS, Gabriela de Angelis; GASPARIN, João Luiz. **As novas exigências histórico-educacionais do ensino de artes na contemporaneidade**. UEM. 2007. Disponível em: acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4 PDF. Acesso em: 14/04/2021.

BASSANEZI, Carla; PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla. Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. Bibliografia.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira**. RJ: Senac, 2002.

CURADORIA, Adriano Pedrosa, diretor artístico; Camila Bechelany, curadora assistente, MASP. **Guerrilla Girls: Grafica, 1985-2017**. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017> Acesso em: 24/11/2020.

CURADORIA, Andrea Graciela Giunta, curadoria geral. Disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br> . Acesso em 25/11/2020.

FARIA, N. et al. **Gênero e Educação**. São Paulo: Sempre viva/Organização Feminista, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 28. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo (Org.) São Paulo: UNESP, 2001.

IMBERNÓN. Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência**. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/loponte.pdf>. Acesso em: 26/11/2020

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1989.

12ª Bienal do Mercosul. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://abca.art.br/httpdocs/bienal-do-mercosul-online-questiona-mulher-no-contexto-da-sociedade-atual-lisbeth-rebollo-goncalves/>. Acesso em 08/04/2021.

ANEXO

Entrevistas/questionários com respostas das arte-educadoras e artistas de Mineiros, Goiás.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Artes Visuais – Licenciatura EaD

ENTREVISTA/QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Do silêncio à voz: a representação feminina na arte e na docência em arte

Autoras: Geicy Resende Brandão, Juliana Santos de Oliveira Miranda, Sulene Chaves Miranda

IDENTIFICAÇÃO:

Entrevistada: Beatriz Castro

Formação: Arte Educação

Profissão: Professora da Rede Pública Estadual

Atuante na área de formação: sim

1. Qual sua formação? Durante o período de sua formação, como foi seu contato com trabalhos de artistas mulheres?

Sou formada em Arte Educação, e Pós graduada em Patrimônio Direitos Culturais e Cidadania, durante minha formação o contato físico com trabalhos de artistas mulheres foi bem pouco, no entanto o contato através de imagens pela internet, livros e outros foi maior.

2. Qual a importância de usar como referência obras de artistas mulheres nas aulas de artes?

É uma forma de reconhecer e valorizar essas mulheres artistas que enfrentaram e continuam enfrentando muito preconceito e obstáculos para divulgar seus trabalhos. Até hoje as obras de

exposição permanentes nos museus pelo mundo a maior parte são de artistas homens, e não é porque as artistas mulheres produzem menos arte.

3. Como você organiza seu plano de aula e quais os critérios usa para definir as referências que apresentará para os alunos?

Eu busco organiza lo juntamente com as habilidades a serem atingidas naquela aula casando com a pesquisa e apresentação da ou das artistas escolhidas previamente para esse objetivo, buscando sempre uma reflexão sobre a situação e conquistas das mulheres artistas na sociedade.

4. Além do trabalho como artista/arte educadora, você tem outras ocupações profissionais?

Sou professora de Artes visuais e artesã, quando tenho um livre faço artesanato.

5. Como ampliar o repertório dos alunos na questão do machismo e feminismo?

Com aulas bem planejadas, sugestões de textos, filmes, vídeos, palestras e estudos sobre a história relacionada ao assunto. Um bom exemplo de machismo relacionado a história da arte é a Escola Bauhaus, a História da artista francesa Camille Claudel, vítima do machismo da sociedade e de seu amante.

6. Como trabalhar a questão de gênero, sexualidade e estereótipos em sala de aula?

Com respeito e reflexão. Trabalhando biografias de artistas mulheres do passado e citando também artistas contemporâneas. Como por exemplo traçando uma comparação entre a fragilidade de Frida Kalo e sua dor individual e a luta social de Rosana Paulino que trabalha a condição da mulher negra na sociedade, passado e presente. Entre outras artistas. Conduzindo o aluno a refletir e formar sua própria opinião.

Levando o aluno a conhecer e pensar sobre esses temas, provocando discussões saudáveis e respeitadas, considerando sempre a visão de mundo e opinião de cada aluno, mostrando caminhos de tolerância e respeito. A Arte é uma aliada importantíssima para trabalhar esses temas. Na literatura sobre História da Arte existe várias biografias de artistas mulheres que trabalham com essas temáticas de forma bem sensível e consciente.

7. Quais artistas/mulheres estão entre suas referências?

Nas minhas aulas eu procuro trabalhar com artistas como Anita Malfati, Tarsila do Amaral, Rosana Paulino, Camille Claudel, Frida Kalo e algumas grafiteiras, são várias. A artista vai depender do conteúdo da aula, do tema a ser trabalhado. Esse bimestre mostrei para os alunos um curta de uma designer que defende essa problemática da mulher num mercado considerado masculino, o mundo do design. E vou trabalhar agora com uma artista mulher do movimento barroco Clara Peeters (1594 a 1657).

8. Em sua opinião, qual a importância de se mostrar trabalhos de artistas mulheres nas aulas de artes? E como abordar artistas femininas nas aulas de arte?

Através de discussões e pesquisa, conscientizando e diferenciando a artista da musa, deixando claro que as mulheres podem e devem ser muito mais que apenas musa, ou um objeto bonito e sexual. A mulher tem conteúdo e criatividade tanto quanto o homem. Uma tecla em que eu insisto nas minhas aulas são as letras de alguns gêneros musicais, como o funk e algumas sertanejas. Procuro de um jeito reflexivo mostrar como as mulheres são retratadas nessas letras, levando os alunos a refletirem.

É importante porque leva conhecimento das condições da mulher na sociedade, e trás reflexão sobre como mudar essas condições, quais caminhos seguir. A abordagem deve ser feita a partir de um diagnóstico sobre o conhecimento que a turma tem sobre o assunto, sobre o tema que será trabalhado, e aí sim a professora escolhe uma artista que melhor se adeque ao contexto da aula, pois é sabido que cada artista trabalha uma temática.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Artes Visuais – Licenciatura EaD

ENTREVISTA/QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Do silêncio à voz: a representação feminina na arte e na docência em arte

Autoras: Geicy Resende Brandão, Juliana Santos de Oliveira Miranda, Sulene Chaves Miranda

IDENTIFICAÇÃO:

Entrevistada: Cintia Aparecida Pereira da Silva

Formada em: Pedagogia pela Unifimes. Artes Visuais pela UFG. Especialista em Educação Infantil pela Apogeu e Patrimonio Direitos Culturais e cidadania pela UFG.

Profissão: Professora.

Atuante na área de formação: Atuante na Educação Infantil da rede municipal.

1. Qual sua formação? Durante o período de sua formação, como foi seu contato com trabalhos de artistas mulheres?

Formada em Pedagogia e Artes visuais. Sempre tive admiração pela arte, no entanto, só consegui entender o real significado da mesma, nas poucas aulas de artes que tive no curso de pedagogia. Após uma oficina que tivemos com a professora Adriana e suas várias explicações eu compreendi que a arte está sempre presente em nosso meio, e com essas descobertas consegui trazer para nossa realidade, ou seja, descobri que releitura não é cópia pronta do que o artista produziu e sim compreender a minha ligação do meio com esta realidade, esse momento aconteceu com as aulas de artes ao qual trabalhamos sobre Tarsila do Amaral. Ao conhecermos a luta da artista e sua busca durante a Semana da arte moderna, em 1922 pude perceber que além do contexto histórico a arte tem um grande significado na vida das pessoas. Mas, ainda é preciso quebrar barreiras e desligamentos de estereótipos para que possamos enxergar a arte além, do papel e da visão negativa da sociedade.

2. Qual a importância de usar como referência obras de artistas mulheres nas aulas de artes?

Por longos e muitos anos as mulheres sofreram muito por não ter espaço no mundo das artes sendo condicionada a submissão de regras e sem poder expressar se na sociedade. Para os homens era seres que revolucionavam na sociedade, para as mulheres eram afronta, falta de respeito, bruxas dentre outros. Foi preciso muita luta para conquista de espaço culminando assim o “movimento feminista” assim, as mulheres começaram a perder o medo e colocar suas ideias e sentimentos para fora, a sociedade começou a ver os direitos, deveres e opiniões das mulheres crescendo no meio social. Isso aconteceu em vários espaços, na arte, na música, na dança, na política, nos estudos etc. Tudo começou quando essa liberdade de expressão renasceu junto com o crescimento da mulher no mundo da arte. Ou seja, é necessário usar

sempre as mulheres artistas como referências, isso possibilita a diminuição do machismo e condenação das mulheres frente a essa sociedade masculina que sente o dono do poder.

3. Como você organiza seu plano de aula e quais os critérios usa para definir as referências que apresentará para os alunos?

Procuro adequar as atividades de artes de acordo com a idade das crianças, uma vez que, preciso realizar atividades que promovam o desenvolvimento da oralidade, movimentos corporais e socialização com o meio. No entanto, quando ministrei aulas de artes no ensino superior as aulas eram planejadas da seguinte forma. Leituras de artigos, livros de autores que descrevem sobre a linguagem da arte, experiências do cotidiano escolar, construção e exposição de trabalhos que destacam a linguagem da arte em nosso meio. Relatos e registros da cultura de nossa cidade onde a arte se faz presente, releituras de obras de artes, dentre outros. A partir desse conjunto de conhecimentos realizava as aulas da semana, procurando vivenciar de forma lúdica e participativa do conhecimento dos alunos sobre o significado da arte em nosso meio.

4. Além do trabalho como artista/arte educadora, você tem outras ocupações profissionais?

Minha prática profissional é na sala de aula, espaço esse que procuro trabalhar de forma lúdica e participativa deixando que as crianças expressem seus sentimentos a partir de sua própria compreensão. Esta é minha ocupação, enriquecer o conhecimento do meio em relação a arte nos espaços educacionais. Desta forma, não atuo em outras áreas.

5. Como ampliar o repertório dos alunos, na questão do machismo e feminismo?

Pra mim isso é questão de cultura e contexto social, se não conseguirmos mudar a visão da sociedade em relação a religiosidade e visão política que influencia muito, se torna muito difícil ampliar o repertório dos alunos. Hoje em dia banalizou tudo, e a perseguição tomou conta. As vezes delegam esse papel para a escola deixando que nós façamos um papel que não é nosso, e quando tentamos orientar os alunos para a realidade somos condenados como influenciadores de sexualidade. Eu teria dificuldades hoje em ampliar esse repertório na atual realidade que vivemos.

6. Como trabalhar a questão de gênero, sexualidade e estereótipos em sala de aula?

É necessário conhecer a cultura dos alunos e deixar os mesmos se expressarem em relação ao conhecimento do assunto. Em uma grande escala percebemos que há uma existência muito grande de estereótipos, ou seja, os alunos carregam consigo pensamentos antigos e familiares de não aceitação, contudo crescem e acabam se relacionando com outras pessoas que pensam igual. Desta forma, vejo que é necessário começar debater o assunto antes dos alunos chegarem no ensino médio, é preciso criar formas interdisciplinares muito em planejadas para ampliar o conhecimento desses alunos, assim como, das famílias. Uma vez que, ainda existe um grande tabu em conversar sobre sexualidade e mais ainda sobre escolhas e opções sexuais. É necessário propor aos alunos pensamentos críticos e construtivos sobre a nossa vivência em sociedade e o respeito para com o outro, e o chão da escola é um lugar de grande conhecimento e socialização para vivenciarmos e ampliarmos esse contexto.

7. Quais artistas/mulheres estão entre suas referências?

8. Em sua opinião, qual a importância de se mostrar trabalhos de artistas mulheres nas aulas de artes? E como abordar artistas femininas nas aulas de arte?

É preciso muita leitura que tenha como base o contexto histórico e suas significâncias em relação a linguagem artística que o mesmo expõe para a sociedade. Os alunos hoje necessitam saber ler, interpretar e transpor de forma perceptiva e ativa seu conhecimento de mundo. Não dar pra viver seguindo modinhas de redes sociais e achar que toda mulher bonita precisa ser chamada de gostosa. É necessário separar opiniões e respeitar o profissionalismo de cada pessoa independente do seu trabalho como artista. Convivemos com muitos jovens hoje com vocabulários pobres e sem escrúpulos, ou seja, é preciso mudar essa visão pobre de uma grande parte de nossa sociedade.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Artes Visuais – Licenciatura EaD

ENTREVISTA/QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Do silêncio à voz: a representação feminina na arte e na docência em arte

Autoras: Geicy Resende Brandão, Juliana Santos de Oliveira Miranda, Sulene Chaves Miranda

IDENTIFICAÇÃO:

Entrevistada: Maria das Graças Oliveira Rodrigues

Formação: Licenciatura em Arte Educação pela Unifimes e Especialização Interdisciplinar em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania pela UFG.

Profissão: Professora

Atuante na área de formação: Artes Visuais

1. Qual sua formação? Durante o período de sua formação, como foi seu contato com trabalhos de artistas mulheres?

Licenciatura em Arte Educação.

Durante o curso tive duas coordenadoras com formação em artes visuais e várias professoras, algumas com formação em outras áreas, mas que ministraram aulas de desenhos, designer, professora contadora de histórias, trabalhava na confecção de brinquedos e resgate de brincadeiras antigas. Portanto, a professora e coordenadora de grande referência para mim foi a artista Kassia Borges que tem um vasto currículo e conhecimento e que aprendi muito com ela.

2. Qual a importância de usar como referência obras de artistas mulheres nas aulas de artes?

A representatividade da mulher na arte, é de suma importância para conhecer as experiências em que a diversidade das práticas das artistas nos distintos contextos e épocas seja estimulada, multiplicando o campo do pensar e do agir e também mostrar horizontes éticos e estéticos.

3. Como você organiza seu plano de aula e quais os critérios usa para definir as referências que apresentará para os alunos?

Organizo meu plano de aula abordando o assunto a ser trabalhado e a justificativa de trabalhar determinado assunto, o que os alunos irão conseguir atingir com o estudo do tema, a forma como irá trabalhar, os recursos didáticos utilizando as diferentes linguagens, verbal, musical,

gráfica, plástica e corporal, como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias e usufruir das produções culturais.

4. Além do trabalho como artista/arte educadora, você tem outras ocupações profissionais?

Desde o ano de 2020 estou atuando somente como professora ministrando aulas de arte e também com as disciplinas eletivas. Nos anos anteriores trabalhava na APAE, com trabalhos artísticos, manuais e reciclagem. Com a mudança do documento curricular, todos os professores tinham que ser pedagogos, por isso perdi o trabalho que tanto amava fazer e uma grande perda para os alunos também.

5. Como ampliar o repertório dos alunos na questão do machismo e feminismo?

O machismo e o feminismo são questões de grande importância para reflexões em ambiente escolares. O empoderamento feminino na escola, por exemplo, é uma das medidas capazes de contribuir para o desenvolvimento de mulheres mais preparadas e confiantes. Nesse sentido, como professora, procuro incentivar reflexões sobre o feminismo como a artista Frida Kahlo que aborda nas suas obras esse tema, promover a equidade, estimular a empatia e fortalecer o empoderamento feminino na escola, evitando que as meninas se sintam menosprezadas frente a situações machistas.

6. Como trabalhar a questão de gênero, sexualidade e estereótipos em sala de aula?

Sempre gosto de trabalhar com temas para sensibilizar os alunos para a questão do gênero. Como o artista Leonilson com seus bordados, movido pela necessidade de registrar sua subjetividade. E também a artista Rosana Paulino vem se destacando por sua produção ligadas as questões sociais, étnicas e de gênero, seus trabalhos tem como foco principal a posição da mulher negra na sociedade brasileira. Mostrando para os alunos questões de respeito a diversidade cultural contribuindo para uma sociedade livre da discriminação e do preconceito. Procuro incorporar o debate sobre as questões de gênero, através de leitura de textos, fazer leituras críticas dos livros didáticos, trabalhar artistas que abordam esses temas e também desenvolver trabalhos com temas sobre sexualidade e homossexualidade e debater sobre textos sexistas e preconceituosos.

7. Quais artistas/mulheres estão entre suas referências?

São referências Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Rosana Paulino, Frida Kahlo.

8. Em sua opinião, qual a importância de se mostrar trabalhos de artistas mulheres nas aulas de artes? E como abordar artistas femininas nas aulas de arte?

Apresentar e trabalhar com os alunos mulheres artistas que promovem seu próprio ato de liberdade, mostrando que a criação artística contribui para a denúncia da opressão feminina, ajudando na transformação do papel da mulher ao longo da história. E que as mulheres artistas contemporâneas querem deixar de ser objeto de arte, para ser artistas autora da sua própria criação e dispensar do dever de ser musa.

A importância de mostrar trabalhos artísticos nas aulas de arte para que tenha mudança na concepção de gênero, possibilitando a construção de novas relações entre homens e mulheres pautados em princípios de igualdade e justiça, culminando assim no desenvolvimento de uma cultura democrática e participativa.

Através de projetos em torno do tema “mulher artista”, pode ser um dos caminhos para refletir a multiplicidade de femininos, desnaturalizando estereótipos existentes no cotidiano escolar e outras instâncias sociais.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Artes Visuais – Licenciatura EaD

ENTREVISTA/QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Do silêncio à voz: a representação feminina na arte e na docência em arte

Autoras: Geicy Resende Brandão, Juliana Santos de Oliveira Miranda, Sulene Chaves Miranda

IDENTIFICAÇÃO:

Entrevistada: Marta Brandão Rezende Carneiro

Formação: Pedagoga; jornalista literária formada pela abjl – academia brasileira de jornalismo literário; gestora cultural (unb/minc); escritora; especialista em magistério superior.

Profissão: Professora

Atuante na área de formação: Sim

1. Qual sua formação? Durante o período de sua formação, como foi seu contato com trabalhos de artistas mulheres?

Sou Pedagoga, mas de 1997 a 2017 atuei diretamente no setor cultural. Porém, em toda minha vida organizei, realizei eventos culturais. Sempre estive diretamente ligada às artistas mulheres com minha participação na academia Mineirense de Letras e Artes, na associação dos Artesãos, vale ressaltar que neste local a maioria é mulheres.

2. Qual a importância de usar como referência obras de artistas mulheres nas aulas de artes?

É de suma importância, pois a mulher, apesar de todos os afazeres que ela tem, que a sociedade lhe impõe, ela ainda encontra tempo para ser essência e não apenas um ser metódico e mecânico. A mulher artista é capaz de tornar o mundo mais belo e através de sua força e de seu talento mostrar a beleza e a leveza do mundo, e ainda pode ter com sua arte, o sustento financeiro.

3. Como você organiza seu plano de aula e quais os critérios usa para definir as referências que apresentará para os alunos?

Busco sempre referências locais, oportunizando a expansão destas para os demais espaços. Gosto de mostrar que toda arte e habilidades que chegam até nós, podemos percebê-las onde estamos, cada indivíduo é importante onde ele está, em seu local ele tem nome, portanto não existe aquela frase “autor desconhecido”, o que podemos dizer é: “desconheço a autoria”, pois tudo que é feito, é feito por alguém e todos são importantes no lugar onde atua.

4. Além do trabalho como artista/arte educadora, você tem outras ocupações profissionais?

Sempre gostei de escrever. Denomino-me escritora. Tenho livros publicados: Entre Linhas (poemas), Nuances (poemas), História de Mineiros Para Crianças (disponibilizado em PDF), logo saíra a versão impressa.

5. Como ampliar o repertório dos alunos na questão do machismo e feminismo?

Devemos instigar a curiosidade sobre os temas o que é, a definição mesmo. Daí vai de ampliando esta pesquisa incluindo falas, atos, posturas, atitudes machistas e feministas. Deixar bem conceituado e claro os termos, após ampla discussão e construção conjunta.

6. Como trabalhar a questão de gênero, sexualidade e estereótipos em sala de aula?

Primeiramente, a arte é universal. Ainda vivemos em um mundo muito machista. E precisamos desmitificar muitos estereótipos, como: cores de menino e de menina, trabalhos de menina e de menino. É papel da escola desconstruir frases machistas. Pode-se em sala de aula propor aos estudantes que criem lista de mulheres artistas que estudem a biografia de algumas, ou trace seus perfis, para perceberem as dificuldades enfrentadas por elas na busca de seu espaço, na ânsia de mostrar sua arte e talento à sociedade.

Em nossa cidade, por exemplo, tivemos instrumentistas, musicistas, mulheres capacitadas e que tiveram que enterrar seu talento devido a não aceitação do marido. Poderiam ter transformado o lugar onde viveram. E isso continua, pois o tempo que a mulher tem para se dedicar as artes é muito limitado, os deveres femininos da mulher ainda são numerosos e a compreensão masculina ainda é debilitada.

Sempre fundamentado em literatura séria, pesquisas, relatos que darão subsídios para a construção do pensamento e do julgamento que muitas vezes estão arraigados nas salas de aulas e pelos diversos espaços em que atuamos.

7. Quais artistas/mulheres estão entre suas referências?

A minha referência maior é Cora Coralina, Milena Curado, artistas de nosso município (Marlene Furtado, Ana Maria Verzeloni, Cleo Borges).

8. Em sua opinião, qual a importância de se mostrar trabalhos de artistas mulheres nas aulas de artes? E como abordar artistas femininas nas aulas de arte?

Tudo deve partir da pesquisa, do local para o global. O papel do professor é apresentar de forma resumida e clara o conteúdo e instigar os estudantes para a busca de fontes sobre o tema, com o levantamento da bibliografia: livros, textos, mídia, noticiário.

Penso que essa pergunta não é para mim, mas, a importância de abordar artistas femininas nas aulas de artes tem grande significado para a formação e edificação do ser humano, levar os homens a respeitar a produção feminina e não só vê-la como algo belo e doméstica, mas um ser dotado de habilidades, sentimentos e emoções que precisam ganhar asas e voar por onde quiser, tornando o mundo mais justo e humano.